

O BOMBEIRO PORTUGUEZ

FOLHA QUINZENAL

3.º ANNO	PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO)		Porto 15 de julho de 1879	PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO)		N.º 8
	(REINO)			(ESTRANGEIRO)		
	Trimestre.....	350 réis	Trimestre.....	600 réis		
	Semestre.....	700	Semestre.....	25000		
ANNO.....	15400	ESCRITORIO—FERNANDES THOMAZ, 128	ANNO.....	45000		

CARRO DE MANGUEIRAS

A gravura que hoje publicamos representa um modelo de carro de mangueiras fabricado nas excellentes officinas dos snrs. Shand, Mason & C.ª de Londres.

Temos já apresentado varios desenhos de machinas e apparatus construidos nas officinas dos acreditados fabricantes Merryweather & Sons; porém não são menos dignos de menção e publicidade os productos da fabrica de que hoje nos occupamos, e por tanto é justo que lhe consignemos tambem algumas palavras de louvor, para nos não desviarmos do caminho da imparcialidade e justiça, que temos seguido até hoje.

Esta casa constructora, cuja importancia e credito ninguem pôde contestar, não é uma d'essas empresas aventureiras agora criadas para auferir interesses, ludibriando os compradores; é uma casa respeitabilissima, fundada ha 105 annos por um tal Phillips, no anno de 1774, que teve por successor Hopwood em 1798, mais tarde em 1820 Tilley e finalmente os actuaes proprietarios, Shand, Mason & C.ª desde 1851.

As companhias de incendios encontram n'esta fabrica todos os petrechos e machinismos de que poderão carecer para debellar os incendios e salvar vidas, taes como: bombas manuaes e a vapor, para serem conduzidas por homens ou cavallos; bombas de todos os formatos, calibres e preços, tanto para paizes frios, como quentes; boccas de incendio; fontes portateis; carros de mangueiras de toda a especie; carros de escadas e de material; escadas de salvção de varios sistemas; mangueiras de couro, lona e guttapercha; baldes de lona; grande variedade de armamento e fardamento para bombeiros; diferentes especies de machinas hydraulicas; apparatus chimicos e muitos outros utensilios destinados para a extincção de incendios.

Da efficacia de todos estes artigos fallam mais alto do que nós as casas e corporações de que Shand, Mason & C.ª

são os fornecedores ha muito, não só quando estavam ainda estabelecidos em Blackfriars Road, mas depois quando mudaram para a casa que actualmente occupam em Upper Ground Street, desde 1862. Em abono do que affirmamos, citaremos a brigada de bombeiros de Londres, ministerio da guerra e marinha da Inglaterra, governo da India, muitas nações estrangeiras, companhias de seguros inglezas, corporações de bombeiros voluntarios e companhias particulares da Grã-Bretanha, todas as quaes têm tido occasião de conhecer practicamente a excellencia de tudo quanto têm comprado n'esta fabrica.

O carro de mangueiras que publicamos, é não só elegante no formato, mas extremamente leve e por tal forma construido que além de 120 metros de mangueira de conro



ou 450 metros de mangueira de lona, tem ainda uma caixa para ferramenta miuda e assentos com caixas para cinco bombeiros além do cocheiro, havendo ainda a notar-se uma circumstancia altamente economica—que todo o systema é tirado apenas por um cavallo.

O custo de um d'estes carros é de 75 libras

na fabrica, havendo a accresentar as despezas de transporte para bordo, frete, seguro, etc.

Além do modelo do carro a que nos acabamos de referir tem esta casa muitos outros não menos uteis e em tão boas condições, mas mais pequenos e de menos preço, cujos desenhos procuraremos obter para lhes darmos publicidade, procurando por esta forma ver se conseguimos despertar nas diferentes companhias do paiz desejos de melhorar o seu material, escolhendo de entre as muitas machinas que temos apresentado e continuaremos a apresentar aquellas que melhor se coadunarem com as suas necessidades e meios.

Logo que nos seja possivel tencionamos illustrar o nosso quinzenario com alguns desenhos de machinas fabricadas pela antiga casa franceza Romain Thirion, actualmente

pertencente a A. Thirion, e se o não temos feito já, é porque a boa vontade nem sempre suprê a falta de dinheiro, e todos sabem que só á custa de grandes sacrificios e despezas é que podemos conseguirmos um pouco do muito que desejaríamos fazer a bem da humanidade e do serviço de incendios a que nos dedicamos desinteressadamente de alma, vida e coração.

A FESTA DE 5 E 6 DE JULHO

Antes da narração.

O nosso quinzenario offerece hoje pouca variedade; a noticia que segue, descrevendo a festa da real associação humanitaria bombeiros voluntarios portuenses, é por de mais extensa para um jornal de dimensões tão apertadas, e o discurso que egualmente publicamos, tira o espaço que é occupado com os assumptos de que tractamos em todos os numeros.

Entretanto, não podiamos deixar de descrever, com minuciosidade, tudo o que constituiu a solemne festa realzada nos dias 5 e 6 do mez corrente, no edificio da associação dos bombeiros voluntarios. Se somos demasiado extensos, não é nossa a culpa: é... da festa, que teve a singular pretensão de ser altamente magestosa e altamente attraente.

Consignado este cavaco, entremos na descripção da magestosa solemnidade.

A casa da real associação humanitaria, ao Bom Jardim, estava elegante e ricamente adornada.

No atrio, levantavam-se em duas columnas, as estatuas da caridade e da abnegação—symbols augustos da corporação benemerita—; pelas escadas, até á entrada da sala das reuniões, estavam collocados vasos com arbustos. No primeiro patamar, pendurava-se da parede um largo espelho, ladeado de elegantes jarrões com plantas de sala.

A decoração de todas as salas era magnificante; na

Revista de factos e chronica theatral

A inauguração do caminho de ferro da Regoa é o acontecimento principal que merece as honras de conversação animada. Em o nosso pequeno circulo politico esqueceram-se, por um pouco, as demissões, as transferencias, os pequenos odios politicos d'uma politica de pequeno alcance, as commissões d'inquerito, as fornadas de administradores analfabetos, para se tractar unicamente da festa civilisadora, consagrada á realisação d'um melhoramento importantissimo.

Demovemo-nos do proposito de narrar aqui a solemnidade magestosa, por que ella é, por de mais, conhecida, pelas narrações minuciosas d'ella publicadas nas folhas portuenses.

Entretanto, não nos dispensamos de alludir a um facto, que é digno de especial attenção.

Mais uma vez declaramos que não é com intuitos de politica parcial que analysamos qualquer acontecimento; vemol-o sempre pelo prisma da serenidade, e nunca offercemos serviços aos apaixonados, que adulteram para triumpho da causa que advogam.

Se o paiz, largamente semeado de vias ferreas, ostenta hoje nos mercados principaes, os productos mais apreciaveis da sua industria, não deve elle esse beneficio, utilissimo,

das sessões, sob um docel, e por detraz da meza da presidencia, via-se o retrato de Sua Magestade El-Rei o snr. D. Luiz, presidente honorario da benemerita associação. Nas salas lateraes, achavam-se dispostos ricos moveis, pendendo das paredes quadros, photographias, etc.

As machinas e mais aprestos do serviço d'incendios, estavam expostos ao publico nas respectivas lojas.

Conforme se annunciou, ás 5 horas da tarde de sabba-do, 5 de corrente, abriu-se a sessão, presidindo o sr. Joaquim José de Souza Magalhães, servindo de secretarios os srs. Augusto Leite da Silva Guimarães e José da França Oliveira Pacheco.

Tomou a palavra o redactor d'esta folha, Firmino Pereira, que proferiu o discurso ao deante publicado.

Seguiu-se o sr. Anthero de Mello, que, em palavras breves, mas expressivas, fez o elogio da prestante associação; depois, discursaram tambem, com muita proficiencia, os srs. Anselmo Ferreira Duarte, dr. Leonardo Torres, e Bernardo Gonçalves.

Por ultimo fallou Guilherme Gomes Fernandes, nosso collega na redacção, e commandante da companhia de bombeiros voluntarios, que foi applaudidissimo.

O sympathico bombeiro, em linguagem franca, sincera, correntia, disse aos seus companheiros e amigos, palavras que para sempre devem conservar vivas na memoria. Como commandante, deu conselhos e formulou avisos; recommendou a todos que pelas suas acções fossem dignos da honrada farda que vestem; foi, em resumo, eloquente, mas d'uma eloquencia persuasiva, que vinga e enthusiasmar os que a escutam.

Por ultimo, e recordando os dias em que, mercê d'uma conspiração covarde, esteve retido na Relação, pediu aos assistentes uma esmola para os encarcerados.

Pedido tam honesto e caritativo foi satisfeito geralmente, e em breves momentos, contavam-se trinta e dois mil réis, que no dia seguinte, domingo, foram entregues ao sr. director das cadeias da Relação, para serem repartidos pelos infelizes que expiam a sua culpa de grades a dentro.

O sr. presidente, levantando vivas a sua magestade el-rei, á rainha, a toda a familia real e á nobre associação encerrou a solemne sessão.

Assistiram a ella, alem de muitas senhoras, os srs. Eduardo Augusto Falcão, engenheiro inspector da compa-

á iniciativa dos partidos que se entretem nos bancos do parlamento e nas columnas dos órgãos assalariados, a fazer uma opposição despiada e desleal aos homens de sincerissimas crenças firmes, que um dia se colligaram para insollar novos alentos n'um povo que de abatido, agonizava.

A tenacidade louvavel de alguns espiritos muito claros e muito nobres, se deve o geral progredimento do paiz, arrancado dos braços d'uma inercia que esterilizava. Eo valente d'out'ora, o Portugal encanecido nas luctas de uma apostolado de emancipação, ia-se levantando, de vagar, para não se precipitar, e começava a dar os signaes de vida, que pareceu occultar algum tempo.

Prosperou Portugal, e continua prosperando, e essa prosperidade deve-se ao agrupamento de habeis politicos, que desinteressadamente se dedicaram porfiadamente a enriquecer a terra que lhes fora berço honrado.

O caminho de ferro do Douro, deve-se á gerencia e proficua vontade d'esse agrupamento de portuguezes illustres, que o povo respeita e quer, por que sabe e avalia os beneficios que lhe deve.

Outros, porem, vieram receber as ovações d'esse melhoramento; não lh'as concedeu o povo, que distingue sempre os homens verdadeiramente convictos e os que simulam, para conveniencias.

A Regoa adornou-se de galas festivas, e quando chegava a locomotiva, a attestação imponente da magestosa emancipação do espirito e a mais evidente prova do esforço de trabalho, o povo attonito prorompia em estridentes vivas, dirigidos a outros homens, que, bem longe, contemplavam a obra que iniciaram.

nhia d'incendios do Porto, Antonio Joaquim Vieira de Magalhães e Bernardo Mesquita do Couto Zagallo, commandante e 1.º patrão dos bombeiros voluntarios de Lamego, José Borges de Faria, João Feio Soares d'Azevedo e Lourenço de Magalhães, commandante, 1.º e 2.º patrão dos bombeiros voluntarios de Braga, Antonio Ribeiro da Costa Salgado e Antonio Augusto da Silva Carneiro, 2.º commandante e 2.º patrão dos bombeiros voluntarios de Guimarães, e Eduardo da Costa Santos, commandante da companhia d'incendios de Villa Nova de Gaya.

O sr. secretario leu na meza a seguinte correspondencia:

Um officio do sr. Carlos Barreiros, inspector geral da companhia dos incendios de Lisboa, felicitando a associação por voltar de novo aos seus trabalhos, e sentindo que os seus incommodos de saude não lhe permitissem assistir á festa, a que do coração se associava; outro, do sr. Guilherme Cossoul, chefe dos bombeiros voluntarios da capital, comunicando que não podia aceitar o honroso convite que recebera para assistir á sessão solemne, em rasão do padecimento que ainda o retém no leito, mas que a sua associação se fazia representar pelos srs. Darlaston C. Shore e João Jauncey, sub-chefe e 1.º patrão; idem, do sr. commandante dos bombeiros voluntarios da Guarda, agradecendo o convite que lhe fora dirigido para assistir á sessão, e pedindo desculpa de o não poder fazer, em rasão dos seus trabalhos, como director das obras publicas, e que não mandava uma deputação de bombeiros por não terem ainda uniforme; um telegramma do sr. José Teixeira da Silva Braga Junior, vice-presidente da assembleia geral da associação humanitaria bombeiros voluntarios do Porto, ausente nas Pedras Salgadas, felicitando a associação, e desejando-lhe uma longa vida de prosperidades, e outro do sr. Eduardo José Alves, presidente da direcção, no mesmo sentido do antecedente.

Á noite houve uma vistosa illuminação na frontaria da casa e no pateo, tocando a banda d'infanteria 10 diversas peças de musica, e entre ellas um hymno, composição do digno regente da banda, o sr. Douwens, offerecido á associação dos bombeiros voluntarios do Porto.

No dia seguinte de manhã, domingo, os socios activos da corporação portuense, foram, em trens, esperar á esta-

É sempre assim. O que trabalha occulta-se; o que nada produz, apparece.

* * *

Voltemos ao theatro.

Em peregrinação artistica, vão alguns actores do theatro Baquet percorrendo as povoações mais importantes, representando comedias e cantando operetas. Bohemios da arte, colhem os louros que ambicionam, trabalhando sempre.

Uma parte da companhia ficou entre nós, como já dissemos, reforçada com a actriz Aurora de Freitas, e com os actores Valle e Abel.

A primeira artista desconhecida para nós, dá-se, uns ares de magestosa importancia, que não gostamos de ver n'uma artista.

Veste-se assim á laia das heroínas de romance, e tem as poses calculados da *coquette*, que quer agradar, para ser adorada.

Diz com accentuada presumpção, muitas vezes sem naturalidade, e sempre com sobeja affectação. Não attende ao que faz; é uma circumstancia que notaremos de passagem.

Quando, n'um dialogo, falla com outro personagem, passeia os seus olhares pelos camarotes, pela plateia, assim como quem busca alguma cousa que perdeu. E d'esta distracção resulta enganar-se muitas vezes, o que é feio, e pouco d'artista.

A sr.^a Aurora, deixou-se fascinar do seu nome; e como é loira, entendeu ser alguma mulher de Goethe, e,

cão do Pinheiro, os srs. Shore e Jauncey, acompanhando-os ao hotel do Louvre, onde se hospedaram.

Pela uma hora da tarde, e annuindo aos desejos do sr. Shore, houve revista no pateo do Paraiso a que assistiram os voluntarios das associações que vieram honrar a festa dos bombeiros voluntarios portuenses, executando-se algumas manobras que mereceram ao sub-chefe dos bombeiros voluntarios lisboenses lisonjeiras demonstraões de agrado pela maneira com que foram executadas.

Pelas sete horas da tarde realisou-se o jantar que aos seus camaradas de fóra offereceram os bombeiros voluntarios do Porto e de que damos em seguida o *menu*:

Potage à la princesse.

HORS D'ŒUVRE

Petites bouchées à l'impératrice.

POISSON

A' la nomande.

RELEVÉ

Filets de boeuf à la jardinière.

ENTREÉS

Salmi de perdreaux aux champignons.

Mavonnaise de saumon.

Jambon aux épinards.

RÔTI

Dindon aux cressaux.

ENTRE-MÊTS

Glace à l'orange.

Pudding de cabinet.

Gateaux montés.

Compotes diverses.

Fromages.

VINS

Sauterne, Collares, Porto 1834, dito 1855, Madeira, Xerez, Champagne, Moët & Chandon.

CAFÉ ET LIQUEURS

firma-se, então, n'um pedestal, que não é dos mais solidos, e que se esboroará, quando menos o pensar.

Desejamos e queremos mesmo, que uma actriz seja nobre; concedemos-lhe até um pouco de orgulho, mas não a queremos assim, tão estudada, tão pintada, tão exaggerada.

A sr.^a Aurora parece-se com os folhetins do sr. Julio Lourenço Pinto; é enfeitada, com adornos de mais, é pintada, com tintas muito diversas: é, permitta-se o termo, rebuscada e pretenciosa, como as prosas muito compostas do illustre governador civil de Santarem.

A arte exige nobreza, não requer pretensões; e quando a naturalidade se põem de parte, para se andar, dizer, olhar, com posições estudadas ao espelho, então não se é artista, é-se boneca.

A sr.^a Aurora é, por de mais, pretenciosa; viu-se ao espelho, galante, franzina, loira, julgou-se alguma Margarida, pensou ser amazona perseguida por algum Maximo Odier, e appareceu no theatro Baquet, com uns ares de romantismo rançoso.

Faltava-lhe só ajoelhar e cantar a aria das joias, com musica de Gounod!

Valle, é o mesmo, um artista completo; *valle* sempre que o vejamos, e cada phrase que diz, *valle*-lhe palmas sinceras.

E' o que *valle*, para passarmos algumas noites agradavelmente.

Os outros actores, Soller, Gama, etc., muito nossos conhecidos, completam, com Valle, uma *troupe* distincta.

1879.

F. P.

O jantar teve lugar no Palacio de Cristal e a meza que estava disposta n'um dos amplos salões do *restaurant* compunha-se de trinta e oito talheres, estando os convivas dispostos da seguinte maneira:

De um lado da meza occupava o lugar do centro o commandante dos bombeiros voluntarios do Porto, o sr. Guilherme Gomes Fernandes, tendo á sua direita o sr. Eduardo Augusto Falcão, engenheiro inspector dos incendios do Porto, o sr. Antonio Joaquim Vieira de Magalhães, commandante dos Bombeiros Voluntarios de Lamego, o sr. Antonio Augusto da Silva Carneiro, 2.º patrão dos Bombeiros Voluntarios de Guimarães, o sr. Alexandre Theodoro Glama, o sr. Joaquim Ribeiro de Freitas, membro do conselho fiscal da Associação dos Bombeiros Voluntarios do Porto, o sr. Eduardo de Souza Pereira, 1.º patrão da mesma corporação, e os socios activos os srs. José Rodrigues da Cruz, João Ferreira Dias Guimarães Junior e Anselmo Ferreira Duarte. A sua esquerda estavam os srs. Darlston C. Shore, sub-chefe dos bombeiros voluntarios de Lisboa, o sr. José Borges de Faria, commandante dos Bombeiros Voluntarios de Braga, o sr. Bernardo Mesquita do Couto Zagallo, 1.º patrão dos Bombeiros Voluntarios de Lamego, Firmino Pereira, da redacção d'este quizenario, o sr. Joaquim Antonio de Moura Soeiro, 2.º patrão dos Bombeiros Voluntarios do Porto, e os socios activos os srs. José Ribeiro de Freitas, Arminio Von Doellinger, Antonio Joaquim da Encarnação e João Aguiar.

Do outro lado da meza tomava o lugar do centro, o sr. Alberto Borges de Castro, presidente da assembleia geral da Associação dos Bombeiros Voluntarios do Porto, tendo á sua direita, o sr. Eduardo da Costa Santos, commandante da companhia de incendios de Villa Nova de Gaya, o sr. João Feio Soares d'Azevedo, 1.º patrão dos bombeiros voluntarios de Braga, o sr. Alfredo Marinho Alves, o sr. Alexandre Miller Fleming, 1.º patrão e membro da direcção dos Bombeiros Voluntarios do Porto, o sr. José da França Oliveira Pacheco, aspirante da mesma corporação, os socios activos os srs. Antonio Ignacio de Faria, Luiz da Terra Pereira Vianna e Manoel José Moreira. A sua esquerda sentavam-se o sr. Antonio Ribeiro da Costa Salgado, 2.º commandante dos bombeiros voluntarios de Guimarães, o sr. Joaquim José de Souza Magalhães, presidente da direcção dos Bombeiros Voluntarios do Porto, o sr. João Jauncey, 1.º patrão dos bombeiros voluntarios de Lisboa, o sr. Alfredo Ferreira Dias Guimarães, o sr. Jeronymo Telles da Silva, 2.º patrão dos voluntarios do Porto, o sr. Antonio Rodrigues da Cruz, aspirante da mesma corporação, e os socios activos os srs. Antonio José Baptista Bastos, Alvaro Vincent de Souza, Alfredo Ferreira Vianna e José Rodrigues Barrote.

Durante o jantar reinou sempre o maior entusiasmo e a mais cordeal fraternidade como se fará ideia pelos brindes que passamos a enumerar, e que todos foram calorosamente correspondidos.

O primeiro brinde foi levantado pelo sr. Guilherme Fernandes ao presidente honorario da associação dos Bombeiros voluntarios do Porto, a S. M. El-Rei o sr. D. Luiz 1.º

Brindaram em seguida os seguintes srs.:

Alberto Borges de Castro, a S. M. a Rainha

Bernardo Mesquita do Couto Zagallo, aos seus camaradas do Porto.

Guilherme Fernandes, a Carlos José Barreiros, agradecendo o brinde que aquelle cavalheiro lhe pedira para fazer em seu nome aos bombeiros voluntarios do Porto.

O mesmo sr. a Guilherme Cossoul, ao primeiro voluntario do paiz, que lhe dera a honra de em seu nome brindar os bombeiros de Portugal.

O mesmo sr. a José Martins de Queiroz, a quem os seus padecimentos impediam de tomar parte na festa, e que brindava aos bombeiros voluntarios do Porto.

O mesmo sr. a Eduardo Alves, que o encarregava de levantar um brinde em seu nome aos bombeiros voluntarios do Porto, da capital e das provincias.

O mesmo sr. a José Augusto Corrêa Barros, a quem imperiosas rasões impediam de estar presente e que elle

pedia para fazer conhecidos os seus votos para a prosperidade e engrandecimento da associação.

O sr. Antonio Joaquim Vieira de Magalhães a Guilherme Fernandes.

O sr. Guilherme Fernandes aos bombeiros voluntarios de Belem de quem acabava de receber um telegramma de felicitação.

O mesmo sr. ao inspector dos incendios do Porto.

O sr. inspector aos Bombeiros voluntarios do Porto.

Firmino Pereira aos Bombeiros voluntarios de Lisboa, Braga, Guimarães e Lamego, e aos do Porto, especializando o seu commandante.

O sr. dr. José Borges de Faria, commandante dos Bombeiros voluntarios de Braga á redacção do «Bombeiro Portuguez» na pessoa do redactor Firmino Pereira.

O sr. Anselmo Ferreira Duarte em nome dos seus camaradas do Porto aos Bombeiros voluntarios de Portugal.

O mesmo sr. aos bombeiros municipais do Porto.

Firmino Pereira agradecendo o brinde do sr. dr. Borges de Faria e brindando á corporação dos voluntarios de Braga e ao seu commandante.

O sr. Guilherme Fernandes aos bombeiros voluntarios da Guarda.

O sr. Antonio Cruz ao commandante dos bombeiros municipais de Villa Nova de Gaya o sr. Eduardo da Costa Santos.

O sr. Guilherme Fernandes ao sr. Alberto Borges de Castro.

O sr. Costa Santos aos bombeiros voluntarios do Porto, especialmente ao seu commandante.

O sr. Antonio Ribeiro da Costa Salgado, 2.º commandante dos bombeiros voluntarios de Guimarães, em nome de seus camaradas, a Guilherme Fernandes.

O sr. inspector Falcão a todas as companhias de bombeiros em geral.

O sr. Antonio Cruz ao sr. inspector Falcão e á companhia municipal do Porto.

O sr. Guilherme Fernandes ao presidente da direcção dos bombeiros voluntarios do Porto o sr. Joaquim José de Souza Magalhães.

Firmino Pereira á esposa do sr. Guilherme Fernandes.

O sr. Guilherme Fernandes a Firmino Pereira agradecendo o seu brinde.

O sr. Joaquim José de Souza Magalhães ao sr. Guilherme Fernandes.

O sr. Guilherme Fernandes aos bombeiros de Lisboa e agradecendo o brinde do sr. Magalhães.

O sr. Darlston C. Shore agradecendo e dizendo que nunca vira trabalhar com a precisão com que trabalharam na sua presença os voluntarios e brindando á cidade do Porto.

O sr. dr. Borges de Faria aos protectores de todas as associações de bombeiros voluntarios do paiz.

O sr. Alexandre Theodoro Glama a todos os socios das mesmas associações.

O sr. Magalhães a todos os bombeiros que honraram a festa dos voluntarios do Porto.

Firmino Pereira ao sr. dr. Manoel Rodrigues da Cruz.

O sr. Guilherme Fernandes aos seus amigos e camaradas.

O sr. Antonio Cruz ao sr. José Martins de Queiroz commandante dos bombeiros voluntarios de Guimarães.

O sr. Antonio Joaquim da Encarnação á imprensa portugueza.

O sr. inspector Falcão ás instituições liberaes.

O sr. dr. Borges de Faria ao sr. inspector Falcão.

O sr. Alfredo Ferreira á filha do sr. inspector Falcão.

O sr. João Feio Soares d'Azevedo, 1.º patrão dos bombeiros voluntarios de Braga ao sr. Guilherme Fernandes.

O sr. Alexandre Glama a todos os bombeiros voluntarios e municipais do mundo.

O sr. Luiz da Terra Pereira Vianna ao ajudante da companhia de incendios municipal do Porto, o sr. Thiago José Gonçalves.

Firmino Pereira aos srs. Guilherme Fernandes e José Rodrigues da Cruz.

O sr. Antonio Augusto da Silva Carneiro, 2.º patrão dos bombeiros voluntarios de Guimarães agradecendo o brinde feito pelo sr. Antonio Cruz ao seu commandante o sr. Martins de Queiroz.

Firmino Pereira ao filhinho do sr. Guilherme Fernandes.

O sr. dr. Borges de Faria a todos os que promoveram e tomaram parte no espectáculo dado no circo do Palacio de Cristal em beneficio do cofre dos bombeiros voluntarios do Porto.

O sr. Augusto Barbedo Junior agradecendo na parte que lhe dizia respeito o brinde do sr. dr. Borges de Faria e brindando a Guilherme Fernandes.

O sr. Bernardino Mesquita do Couto Zagallo, 1.º patrão dos bombeiros voluntarios de Lamego ao sr. dr. Borges de Faria, a quem chamou o Guilherme Fernandes de Braga.

O sr. Antonio Cruz ao sr. inspector Barreiros e aos bombeiros municipaes de Lisboa.

O sr. Souza Magalhães aos srs. visconde da Siva Monteiro, Jesé Teixeira da Silva Braga Junior, Alexandre Miller Fleming e Joaquim Antonio de Moura Soeiro, dedicados membros dos corpos gerentes da associação dos bombeiros voluntarios do Porto.

O sr. Guilherme Fernandes ao sr. Eduardo de Souza Pereira, 1.º patrão ajudante dos bombeiros voluntarios do Porto.

O sr. inspector Falcão agradecendo o brinde do sr. Alfredo Ferreira.

O sr. Antonio Joaquim da Encarnação a Carlos Fernandes.

O sr. Souza Magalhães ao sr. dr. Manoel Rodrigues da Cruz.

O sr. dr. Borges de Faria ao sr. João Ferreira Dias Guimarães Junior.

O sr. Guilherme Fernandes agradecendo os brindes feitos a sua espoza e a seu filho.

O sr. Antonio Cruz, aos srs. Guilherme Fernandes, Domingos Ferreira Dias Guimarães, Roger Coverley e Alexandre Theodoro Glama, instituidores da associação dos bombeiros voluntarios do Porto.

O sr. dr. Borges de Faria ao presidente da sua associação, a S. M. El-rei D. Fernando.

O sr. inspector Falcão que, como inspector dos incendios no Porto, brindou a todos os bombeiros.

O sr. Guilherme Fernandes em nome do sr. Alexandre Glama, agradecendo o brinde que lhe fora feito.

Era cerca de meia noite quando terminou esta festa de amigos, onde a mais cordeal fraternidade reinou sempre e onde se fizeram os mais sinceros votos pelo engrandecimento e prosperidade d'essas benemeritas corporações que só tem na propria consciencia o galardão condigno ao seu desinteresse e á sua abnegação.

Que a Providencia attenda os fervorosos votos de uns e secunde o generoso emprehendimento dos outros.

Depois da meia noite os bombeiros voluntarios do Porto poseram á disposiçao dos seus concidadãos, o seu braço, o seu esforço e quiçá a sua vida.

Discurso proferido na sessão solenne da assembleia geral da Real Associação Humanitaria Bombeiros Voluntarios do Porto em 5 do corrente, festejando a volta aos seus trabalhos

MEUS SENHORES:

Esta associação humanitaria, que por largo tempo suspendeu os serviços que tão dedicadamente dispensava a esta

cidade, declara hoje por entre o esplendor d'estas festas, que recomeça a missão util e prestante, que voluntariamente se impoz.

E esta noticia, simplicissima á primeira vista, tem a grande importancia das coisas superiores, se reflectirmos um pouco.

Não se tracta de annunciar a reabertura d'um estabelecimento destinado unicamente a proporcionar a um determinado numero de individuos, umas certas horas de convivencia alegre, não; annuncia-se a reabertura d'uma associação, que não procura ociosos felizes para offerecer aos seus membros; que não lhes promete divertimentos variados, *soirées* luxuosas, bem-estar confortavel, mas que, hem ao contrario, lhes declara que o periodo do descanso terminou, e que é necessario lidar, affrontando com os perigos, arcando com os obstaculos, vencendo os elementos.

E os associados, solemnizam com alegres festas o annuncio da lida; rejubilam, ao saber que amanhã, tocando os sinos o aterrador signal d'incendio, elles podem vestir a farda, cobrir-se do capacete, e ir, correndo, ao encontro do monstro, e dizer-lhe:—Não vencerás, porque se tu és forte, és covarde, não pregoarás a victoria, porque os gigantes tambem cahem, e eu vou lutar contigo, braço a braço, lealmente; tu, podes assassinar-me, é verdade, mas o victorioso sou eu, que morro, combatendo para salvar.

Festejar, meus senhores, com accentuada alegria e regosijo, a inauguração d'uma epocha de perigos e de receios, parece paradoxo; quasi se chega a crer que é louco o que, cheio de contentamento, se avizinha d'um abysmo, sorri para elle, e atira-se-lhe ao seio, sem a menor hesitação.

E todavia esse homem não é louco, é um corajoso e um heroe, que vae, ou ao fundo dos abysmos arrancar paginas para a sciencia, ou ao meio de povos barbaros buscar gloria para o seu paiz, ou então por entre as linguas do fogo, rasgando espessos nevoeiros de fumo, procurar uma creança que dorme descuidosa n'um berço, ou salvar o peculio honesto d'uma familia que o incendio vinha roubar, como um ladrão, sem remorso.

Não se chame louco ao homem que se esquece de si, para attender aos outros, e os outros são a grande familia dos que não tem, d'aquelles que se sentem felizes, quando possuem pão para os filhos... e muitas vezes para elles nada.

Os outros, são os grandes desherdados, essa massa de proletarios sem abrigo, que não tem quem os defenda, porque são pobres, por que são humildes.

E para esses, é que esta associação prestante tem feito sensivel falta.

Mas... adiante.

Por ocioso não repetimos os bons serviços prestados por esta instituição, as causas que actuaram para o seu estacionamento, e as muitas e variadas circumstancias que se succederam para a obrigar a apparentar de morta, se hem que ella deu sempre evidentes signaes de vida.

O passado só fornece apontamentos para a historia, e o presente faz esquecer o que se soffreu.

Volta, pois, a associação humanitaria bombeiros voluntarios do Porto a prestar os seus socorros á cidade; este é que é o facto, este é que é o grande acontecimento que solemnizamos.

Sobre elle é que direi duas palavras breves:

MEUS SENHORES:

Um opulento genio da França, dizia ha pouco tempo «O progresso social consiste no seguinte — obter a solução das questões, não por meios violentos, mas por processos pacificos. Quem pôde dar essa solução?... A sciencia.

Existe uma mechanica social, assim como existe uma mechanica phisica. Fazei mal os calculos, desprezae as leis da dinamica, e a machina não marchará, e se quereis obrigar-a a andar, os dentes das engrenagens que deviam dar um movimento igual, transformam-se em elemento destruidor, e a força util torna-se em instrumento de morte.

Fazer que esta força util, em lugar de ser elemento de

destruição, seja empregada para o melhoramento social, deve ser a preocupação de todos.»

E tinha muita razão esse pensador; as enormes questões que hoje se agitam, prendendo o espirito de toda a gente, só podem ser resolvidas prudentemente, buscando-se na sciencia a pacifica solução d'ellas.

Se se luctar, sem calculo, o inimigo esmaga-nos; se correremos precipitadamente, sem attender a avisos, corre-se o risco de percermos.

E' porisso que muito convem, para o melhoramento social, que a força util, em logar de ser elemento destruidor, seja empregada com precisão.

E' o que justamente pretende esta associação, tractando de se reorganisar.

A associação é o centro preciso para o desenvolvimto da actividade humana, é o producto expontaneo da liberdade individual.

Creou-se a associação para que um agrupamento de individuos, possuidos da mesma ideia, e lidando para um fim igual, podessem melhorar a sociedade, defendel-a d'ataques repentinos, assegurar ao cidadão os seus direitos, dar-lhe instrução e progresso, abrindo-lhe fabricas e instituindo escolas.

Quanto mais a sociedade se desenvolve, tanto mais a associação é necessaria. Ella deve multiplicar-se, á medida que se multiplica a necessidade do individuo.

A associação deve acompanhar o desenvolvimto da humanidade, seguil-a sempre.

O homem só, pouco produz; auxiliado, opera maravilhas. Nas civilizações antigas, quando o escravo obedecia cegamente ao capricho do senhor, a communitade era desconhecida. E como não havia de o ser, se não existia a liberdade individual?

Abolida a escravatura, fazendo o christianismo predominar as tendencias espirituas sobre os instintos materiaes, o principio da associação pôde desenvolver-se tanto mais livremente, quanto a humanidade se libertava do jugo pesado da materia.

E começou então a epocha d'uma civilização nova, que luctaria para conquistar o futuro, e para o melhorar como era preciso.

Para acudir aos indigentes, creou-se a associação de soccorros: para garantir o capital e centuplical-o, organizou-se a associação bancaria; para acudir ao enfermo, creou-se a associação de caridade: para velar pela segurança individual, instituiu-se a associação humanitaria.

Tinha então o homem quem já o defendesse, quem lhe dispensasse a protecção, que por tanto tempo pediu, sem lograr ser ouvido.

Principiou-se, pois, a obter a solução das questões, empregando-se processos pacificos, opondo ao mal barreiras que se não galgassem; aproveitando-se a força util, como elemento de conservação.

E seja-me licito perguntar. Obteriam essas instituições a permissão de se poderem fundar, sem que espiritos eivados ainda das superstições do passado, ou corrompidos pelo egoismo e pela inveja não viessem crear-lhe embaraços?..

Não, e é este, o facto mais escuro da vida de todos os povos.

O que se beneficiava, presumia-se lesado. Seria ignorancia, seria perversão, seria odio?..

Talvez, e estes tres elementos encontrados é que têm produzido em todas as epochas, como produzem hoje, os mais detestaveis absurdos e as aberrações mais odientas.

Por maior que seja o engrandecimento d'um povo, nunca ha-de deixar de viver a ignorancia, que o quer ser, a perversão, que não é facil arrancar do coração humano.

Intenta-se uma empreza audaciosa; applaude-se sem raciocinio; e quando ella se conclue, o que não pôde ver com bons olhos o adeantamento do que trabalha, forja logo a calumnia, busca a mentira, prepara o epigramma, e apparece a deprimir o que exaltou, a insultar o que applaudiu, a andar pelos centros mais concorridos a contar umas vilanias que phantasiou, só com um unico intento—querer affirmar que tem opinião, e dizer mal de tudo que não é capaz de praticar.

E n'este ponto, já que fallo aqui, a uma corporação benemerita e audaz, cujos assignalados serviços se perpetuarão, a despeito de muitos intrigantes, seja licito que me reporte ao paiz em que vivo, e que, penoso é dizel-o, mas justiça é confessal-o, é um dos que mais possui d'esses organismos debeis e anemicos, d'esses espiritos pequenos e doentes, que, ou orgulhosos ou maus, babam ineptias sobre a audacia do homem, que se devotou ao mister honrado de engrandecer o nome da sua patria.

Se nem quizesse sahir fóra do recinto d'esta casa, apontaria a corporação benemerita, que aqui se reune, como uma das victimas de odios reservados, que, um dia fizeram explosão, quando um acto mais heroico veio inquietar, no seu orgulho, os fortes de espirito.

Os ociosos, os que nada fazem, os que vegetam nos cafés e nos passeios, parasitas, ignorantes, chegando-se para o que pôde dispender algumas moedas, e comprando, com a bajulação, as sympathias d'elle, esse horda de vagabundos que enxameia por toda a parte, dizendo mal de tudo, deprimindo e calumniando a todos, são os que se apresentam a atirar insultos a todos que são honestos, a tudo que é grandioso.

Não se poupou esta associação aos insultos da ignorancia e ás calumnias dos perversos; mas os perversos ficaram esmagados, a calumnia não feriu, o insulto não poz manchas, e a associação levantou-se, e afirma hoje a sua poderosa existencia.

Mas ha mais. Ha pouco ainda, um luctador valente, um organismo forte, da tempera do aço, uma alma nobre, e um espirito emprehendedor, deixava as commodidades regaladas de Lisboa, e, imitando os honrados portuguezes d'outras eras, foi, mares em fóra, á procura de mais paginas para a historia, de mais descobertas para a sciencia, de mais prestigio para o nome da sua patria.

Internou-se na Africa o valente; teve fome e frio, sustos e receios: soffreu as inclemencias d'um paiz selvagem, arcou com a doenca, teve de luctar com o gentio, passou longas horas de soffrimento, duro, horrivel; o que elle fez, o que elle conquistou, sabel-o-ha breve o paiz inteiro.

Chega o lidador ousado, apresentou-se humilde e despretençioso, sem presumpção; contou uns episodios da sua viagem, e a turba dos ignorantes, dos maus e dos invejosos, encontrou logo uma victima para lacerar.

E, effectivamente: que fez elle, o corajoso e illustrado explorador, diante das aventuras romanescas de todos os marialvas *gantés* que se encostam negligentemente á porta de todas as cazas Havanezas?... Nada... Elle, o viageiro audaz, cobriu-se de pó, de enfermidades: vinha sujo e doente... os *blazés*, parvoeirões e idiotas, tiveram repugnancia de o abraçar... para não *macularem* o fato fiado que o alfaite descuidadamente deixou sahir do armazem.

Idiotas, espiritos enfezados, temperamentos de lama, que não comprehendem o valor, e não sabem apreciar a modestia. Se Serpa Pinto fosse estrangeiro, e charlatão, teria feito mais que Vasco da Gama ou Alvares Cabral.

E' portuguez e é humilde, tanto basta para morrer no esquecimento.

Mas... não é para aqui o fallarmos d'estes acontecimentos, que pedem pulso mais vigoroso e polemista mais ardente.

Vou concluir.

O bombeiro, tal qual deve ser uma entidade tão importante, é um vultó superior, que se não mede, um heroe que toma proporções enormes, quando se pensa no mister glorioso que exerce.

Aqui, no descanso, no ocio, não se avalia este infatigavel obreiro da humanidade e da civilização, mas quando o dever o chama ao incendio, é de ver a sua figura nobre, a arremeter com o gigante, a arcar com elle, a esmagal-o, sem descansar um instante; aqui, subindo uma escada, e perdendo-se depois por entre nuvens de fumo; acola, de pé em cima d'uma parede, já calcinada, sobranceiro ao abysmo, impedindo com valentia que o monstro se espreguice e vá apoderar-se d'outra victima; além, cortando tudo o que

possa alimentar o gigante, em fim, meus srs., esquecido de si, para acudir aos que soffrem, para valer aos que perigam.

E no fim da lucta, cansado, exaustão, o humanitario bombeiro apparece denegrado, roto, sem força, mas, de repente vê-se cercado d'uma multidão que o adora, que o bemdiz, que o proclama um anjo de paz e de salvação.—Quer-se furtar ás expansões agradecidas, mas não pôde — olha, e vê então as mães, chorando d'alegria, n'aquella incerteza vaga d'um susto, n'aquella sensação, ora alegre, ora triste, alegre por ver-se salva, triste, por ver-se pobre, dizer aos filhinhos, hirtos de susto, de pavor, de receio—beijai as mãos do vosso salvador, do homem que vos restituiu ao meu amor, aos meus carinhos, á minha afeição—pobres filhos, ajoelhae e bemdizei o vosso salvador.

E aquelle agradecimento fervoroso, sahido da bocca d'uma mulher que é mãe, e que se esqueceu de tudo para só se lembrar de que não lhe roubaram os filhos, vale mais do que todas as corôas de gloria que possam ornar a fronte dos potentados do mundo.

O bombeiro tem uma historia imponente, escripta á luz sinistra do incendio: o bombeiro chama Beek, Hartman, Fay, Bellet, Vautrin, Faure, Leclerk, Gignoux, Beaufils,— os mais poderosos exemplos do heroismo, da dedicação, do amor.

Inscribe o bombeiro na sua bandeira—bravura, valor, coragem: bravura, para vencer os obstaculos, valor para os procurar, coragem para os destruir.

E' o bombeiro um heroe, um horoe que lida para salvar.

Compreendei bem a vossa posição, amigos, e reuni todos os vossos esforços para que sejaes em tudo, o bombeiro, que salve, e o cidadão, que moralise.

Aqui, n'esta associação, nada falta; e vós, reunindo todos os vossos esforços, coopeae para que a força util seja sempre instrumento de conservação.

MEUS SENHORES:

Volta á lida uma das corporações mais sympathicas que conheço; essa corporação tem á sua frente o homem honrado que todos vós apreciaes—: d'elle e d'ella, esperamos tudo—d'elle, pelo seu esforço e talento, d'ella, pelo bem que dispensa á cidade.

Parabens, pois, á nobre associação dos bombeiros voluntarios—parabens, pois, aos seus dignos membros—parabens, pois, a esta cidade honrada e prestimosissima.

FIRMINO PEREIRA.

EXPEDIENTE

Chamamos a attenção dos nossos estimaveis assignantes para a circular com que fizemos acompanhar o numero 7 do nosso quinzenario.

Para o proximo numero daremos o retrato do commandante dos bombeiros voluntarios de Lamego, o sr. Antonio Joaquim Vieira de Magalhães.

Bombeiros Municipaes do Porto

Em sessão da camara municipal d'esta cidade de 11 do corrente, precedendo proposta do sr. engenheiro inspector

de incendio, foram feitas as seguintes nomeações do pessoal da companhia de incendios do Porto.

Primeiros patrões — Os srs. Manoel Carneiro de Mello José Luiz da Silva e Costa, Vicente de Almeida, Manoel Rodrigues Fontes, José Barbosa de Pinho, Albino da Rocha e Silva, João Barbosa de Pinho Louzada, Francisco de Paula, Joaquim da Rocha, Bernardo Pereira Pinto Soares, José de Carvalho Pinheiro, José dos Santos, Manoel Rodrigues Souto, Joaquim de Souza Ribeiro, Antonio Moreira da Silva Couto e Claudino Fernandes dos Reis.

Segundos patrões — Os srs. Joaquim Duarte de Souza Varella, José Fernandes, Antonio José da Silva, Francisco José Rodrigues, João Caetano Pinto, Albino Pereira da Silva, Raymundo Antonio da Silva, Luiz Pedro Azevedo Varella, Francisco Vieira de Almeida, João Vieira de Almeida, Vicente Alves da Conceição, José Soares, José Joaquim Nogueira, Bernardino de Almeida, Henrique José Francisco Pinto, Antonio Fernandes Ennes e Antonio Pinto Soares.

Aspirantes — O sr. João Ferreira da Costa e os soldados n.ºs 20, 29, 89, 102, 139, 152 e 155 e os supras n.ºs 1, 6, 9, 21, 42 e 60.

Serventes—Os snrs. Antonio Pinto de Carvalho, Joaquim Pinto de Oliveira, Albino de Campos e os soldados, n.ºs 14, 16, 62, 68, 118, 122, 152 e 159, e os supras n.ºs 25 e 33.

Primeiros sotas — Os srs. José Antonio da Silva, João Dias, Joaquim José Gomes da Silva, Manoel da Costa Sobral, Vicente de Mesquita e os soldados n.ºs 8, 53, 63, 88, 92 e 123.

Segundos sotas—Os soldados n.ºs 28, 41, 42, 49, 57, 66, 84, 87, 142, e 156.

Conductores—Os soldados n.ºs 2, 4, 5, 7, 9, 10, 12, 18, 19, 21, 23, 24, 25, 30, 31, 32, 33, 35, 38, 40, 43, 44, 45, 46, 47, 55, 56, 58, 61, 64, 79, 80, 82, 86, 90, 91, 95, 96, 98, 100, 103, 107, 108, 113, 114, 115, 116, 117, 119, 121, 125, 128, 129, 130, 135, 140, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 153, 154, 160, e 161.

Supras—Os soldados n.ºs 2, 3, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 22, 24, 28, 29, 30, 31, 34, 35, 37, 39, 41, 45, 50, 53, 54, 55, 56, 58, 62, 65, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76 e 67.

O quadro da companhia fica assim completado.

Secretaria—Inspector, o sr. engenheiro Eduardo Augusto Falcão; ajudantes, os srs. Thiago José Gonçalves e Joaquim de Souza Loureiro; fiscal, o sr. Joaquim José Maria de Almeida; escripturario, o sr. Guilherme Cesar Jorge.

A administração roga aos srs. assignantes a fineza de responderem ás cartas que toma a liberdade de lhes dirigir, com a possivel brevidade, para não complicar o expediente.

Expediente do almanach do Bombeiro Portuguez para 1880.

São rogados todos os cavalheiros que nos queiram honrar com os seus escriptos a enviar-nol'os até fins do proximo julho á administração d'este periodico, rua de Fernandes Thomaz, 128, Porto.

Bombeiros Voluntarios do Porto

Admittem-se alguns conductores para serviço d'esta associação.

Dirigir ao commandante, rua de Fernandes Thomaz, 128.

ESPECTACULOS

Domingo 20 de julho

THEATRO BRQUET — A comedia em 1 acto «O criado de dous amos» e a comedia em 1 acto «A ordem é ressonar.» — A's 8 e 3 quartos.

ANNUNCIOS

O BOMBEIRO PORTUGUEZ

PUBLICAÇÃO QUINZINAL ILLUSTRADA—NOS DIAS 4 E 15 DE CADA MEZ

ORÇÃO DAS COMPANHIAS DE INCENDIOS DO PAIZ

Preço da assignatura—remessa pelo correio

(PAGAMENTO ADIANTADO)

	REINO	ESTRANGEIRO
Anno	1\$400 réis	2\$400 réis
Semestre	700 réis	1\$200 réis
Trimestre	350 réis	600 réis

A assignatura é cobravel no Porto por trimestre, nas provincias por semestros e no estrangeiro por annuidades.

NUMERO AVULSO 60 RÉIS
Depois da publicação do seguinte numero 200 RÉIS

Assigna-se na livraria Civilisação, Santo Ildefonso, 8 e 40 e na rua do Bom Jardim, 407 (ao Paraíso).
Escritorio da administração—Fernandes Thomaz, 128—Porto.

ARCHOTES

Da antiga fabrica de Lourenço de Souza Pinto, rua de Cedofeita n.º 64 a 68. Continua a encarregar-se de cumprir todas as encomendas, tanto para o reino como para o Brazil. Vnedo mais barato do que em todas as outras partes.

Nesta nova officina imprimem-se obras de luxo, mappaes grandes, facturas, bilhetes de visita, de loja, de pharmacia, de theatro e para vi-
nhos; rotulos, circulares, arrendamentos, avisos, editaes, diarios nan-
tícos, diplomas, letras de cambio, obras de livro, chancelellas, jornaes lit-
terarios, cheques, recibos, ordens de saque, açções, cartas de enterro,
cartazes, procurações, programas, etc., etc.

DE
IMPRENSA CIVILISAÇÃO
SANTOS & LEMOS

8—RUA DE SANTO ILDEFONSO—10

Pereira Vianna & C.^a

181—RUA DE SANTO ANTONIO—181

PORTO

DEPOSITO DE TABACOS NACIONAES E
ESTRANGEIROS

PUBLICAR-SE-HA EM PRINCIPIOS DE SETEMBRO O

ALMANACH

DO

BOMBEIRO PORTUGUEZ

PARA 1880

PREÇO AVULSO..... 300 RÉIS

Assigna-se na administração d'este periodico, rua de
Fernandes Thomaz n.º 128, Porto, e em todas as livrarias.

CANCIONEIRO ALEGRE

COMMENTADO POR CAMILLO CASTELLO BRANCO

1880

Ernesto Chardon, editor — Porto

IMPRENSA CIVILISAÇÃO DE SANTOS & LEMOS

8—RUA DE SANTO ILDEFONSO—10